

## PODER

Diante de PMs recém-formados, no Rio, presidente diz que o jornalismo profissional é “canalha” e “fábrica de fake news”. E recomenda que procurem a “verdade” nas redes sociais

Isac Nobrega/PR



Razão da irritação do presidente seria reportagem que mostra o auxílio de um órgão de Estado, a Abin, à defesa particular de Flávio Bolsonaro

# “Não esperamos da imprensa a verdade”

» INGRID SOARES

Irritado com uma nova investigação contra um de seus filhos, o senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ), o presidente Jair Bolsonaro voltou a atacar a imprensa, ontem, diante de 485 novos soldados da Polícia Militar do Rio de Janeiro e seus parentes. Durante a solenidade de conclusão do curso de formação, ele afirmou que a “imprensa canalha” estará sempre contra eles e que a “maior fábrica de fake news está em grande parte da mídia brasileira”. Disse ainda que, muitas vezes, os PMs terão apenas Deus ao lado durante as operações e aconselhou que continuem se preparando.

“Não se esqueçam de uma coisa: por muitas vezes, vocês estarão a sós, terão apenas Deus ao seu lado e, assim sendo, se preparem cada vez mais. Simulem as operações que podem ocorrer pela frente porque, em uma fração de segundos, está em risco a sua vida, de um cidadão de bem ou de um canalha defendido pela imprensa brasileira. Não se esqueçam disso: essa imprensa jamais estará do lado da verdade, da honra e da lei. Sempre estará contra vocês. Pensem dessa for-

**Os Três Poderes são independentes e harmônicos, mas o maior poder é do povo brasileiro”**

*Jair Bolsonaro, reforçando que a força popular está acima dos Poderes institucionais que compõem a República*

ma para poderem agir”, disse, em tom inflamado.

“Não esperamos da imprensa a verdade. As mídias sociais, essas sim, trazem a verdade, e não a fábrica de fake news que é a imprensa brasileira”, acusou.

Indiretamente, Bolsonaro se referiu à reportagem da revista *Época*, que publicou que a defesa de Flávio afirma que o chefe da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), Alexandre Ramagem, lhe fez recomendações visando auxiliar na anulação do inquérito no qual o senador é investigado por suposto esquema de rachadinha quando era deputado estadual no Rio de Janeiro. O presidente completou que, apesar de ser atacado pela mídia, é sempre bem recebido nos estados por onde passa.

“Nós sempre estaremos do lado da verdade, da lei e de homens de bem, e não de cana-

lhas. Não esperamos, com palavras gentis ou com gestos de amizade, vencer o inimigo. Nós estamos vencendo, nós venceremos. O Brasil será uma grande nação, e, para isso, contamos com um povo maravilhoso ao nosso lado e a liberdade das mídias sociais. Essa, sim, traz a verdade para vocês”, apontou.

### Crítica velada

Bolsonaro voltou a dizer que o poder do povo está acima dos poderes institucionais. “Eu e as Forças Armadas devemos lealdade absoluta ao povo brasileiro. Jamais a nossa democracia e a nossa liberdade serão ameaçadas por quem quer que seja. Entendam uma coisa: os Três Poderes são independentes e harmônicos, mas o maior poder é do povo brasileiro”, salientou.

A polícia do Rio matou 1.810 pessoas em 2019, segundo dados oficiais. Mas Bolsonaro foi apenas elogios a uma das corporações mais violentas do país. “Já tive grandes policiais ao meu lado, que já foram massacrados pela mídia, mas sempre estivemos do lado do bem. Por mais que queiram nos enxovalhar, não conseguem. Em qualquer lugar que estou do Brasil, lá o Capitão Bolsonaro é muito bem tratado junto à população. Assim é também o nosso PM quando está trabalhando nas ruas. Vocês são heróis de verdade. Estou na frente de uma das melhores polícias do Brasil. Isso nos honra”, enalteceu.

Estiveram com Bolsonaro o governador em exercício, Cláudio Castro (PSC), e os ministros Ricardo Salles, do Meio Ambiente, e Braga Netto, de Casa Civil, além de Flávio Bolsonaro e deputados federais bolsoneiros. De surpresa, Castro convidou o senador, seu principal interlocutor no clã, para falar aos formandos. O parlamentar chamou o governador interino de “honrado que defende a tropa, se preocupa com o servidor público e está completamente concentrado em seu Estado”, em clara indireta ao afastado Wilson Witzel.

# Blogueiro afronta STF e é preso

Reprodução/Twitter

» SARAH TEÓFILO  
» RENATO SOUZA

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, acolheu um pedido da Procuradoria-Geral da República e decretou a prisão preventiva do blogueiro bolsonarista Oswaldo Eustáquio. A decisão, datada da última quinta-feira, se dá em razão de o investigado no inquérito dos atos antidemocráticos ter violado as regras da prisão domiciliar a que foi submetido em novembro.

Eustáquio foi preso porque saiu de casa, de onde não pode sair por decisão judicial, para ir ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH), segundo consta na decisão de Moraes. Foi a própria pasta que avisou à Vara de Execuções Penais do Distrito Federal (DF) que ele tinha um agendamento com a ministra Damares Alves e indagou se havia autorização para que deixasse a prisão domiciliar.

Na decisão, Moraes pontuou que as restrições impostas ao blogueiro não estão sendo cumpridas, por isso se faz necessária



Eustáquio (de barba) foi levado por descumprir determinação judicial

a prisão. “Impõe-se, portanto, a decretação da prisão preventiva, haja vista que as medidas impostas não alcançaram o efeito disciplinar e pedagógico que eram esperados”, salientou.

No MDH, Eustáquio não foi

recebido, mas seguiu para a Ovidoria Nacional de Direitos Humanos, onde ficou das 18h30 às 20h17. O advogado de defesa, Ricardo Vasconcelos, disse que o cliente tinha autorização para sair, dada pelo Centro Integrado

de Monitoração Eletrônica (Cime), da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (Seape) do DF. Mas a Vara de Execuções informou que o Cime não tem “competência ou atribuição para tanto”.

O diretor do centro, Cláudio Simões, enviou um ofício, no dia 15, à juíza da Vara de Execuções, Leila Cury, após uma solicitação feita por ela. No documento, diz que o advogado de Eustáquio entrou em contato com a central de monitoração e solicitou autorização para que seu cliente comparecesse a uma audiência com a ministra.

O ministro salienta que Eustáquio feriu a prisão domiciliar outras vezes, pois pesam 17 “ocorrências relacionadas ao monitoramento eletrônico do investigado, que foram constatadas em dias diferentes, dando conta da ausência de zelo do investigado em cumprir todas as orientações que lhe foram dadas a respeito do monitoramento eletrônico, especialmente no que tange à manutenção da bateria para verificar a real localização geográfica do monitorado”.



## Nas entrelinhas

por Carlos Alexandre de Souza  
carlosalexandre.dif@dabr.com.br — interino



## Para que essa angústia?

O ministro Eduardo Pazuello até tentou se explicar, mas o estrago já estava feito. Após se perguntar, na quarta-feira, quais seriam os motivos de tanta apreensão em torno da mais poderosa arma para deter o avanço da covid-19, ele, talvez, não fizesse ideia da reação que varreria o país. Naquele dia, o governo anunciava o plano nacional de vacinação, uma tentativa legítima de mostrar uma ação efetiva contra a tragédia que chegará a 200 mil mortos em questão de semanas e superou os 7 milhões de casos. Disse Pazuello: “O povo brasileiro tem a capacidade de ter o maior programa de imunização do mundo. Somos os maiores fabricantes de vacina da América Latina. Para que essa ansiedade e essa angústia? Somos referência na América Latina e estamos trabalhando”.

As críticas vieram ferozes. Um dia depois, o general achou por bem explicar as declarações da véspera, após ser chamado, entre outros qualificativos, de “ministro tranqüilão”. Em audiência pública no Senado, Pazuello disse que se referia à execução da logística, e não à dramática situação da pandemia no Brasil. “Em hipótese alguma, eu acho que alguém pode não ter ansiedade ou angústia sobre a pandemia que estamos vivendo. Todos estamos ansiosos, todos estamos angustiados. É só ver a nossa cara, é só olhar no espelho de cada um. Claro, era sobre a execução do plano, e não sobre a pandemia propriamente dita. Peço desculpas pela confusão que posso ter causado”, tentou corrigir-se, em resposta ao questionamento do senador Tasso Jereissati, que salientou haver muita angústia entre os brasileiros que perderam um ente querido ou conhecem alguém de luto em razão da covid-19.

Talvez, o episódio mostre a Pazuello uma lição preciosa para figuras públicas: o cuidado com as palavras. Essa cautela — eventualmente fora de moda em tempos de “lacração” nas redes sociais — torna-se essencial, particularmente, em momentos críticos como o atual, em especial com os assuntos referen-

tes à pasta que comanda. Apenas para ficar nesta semana, o país assistiu, com todas as controvérsias inerentes, ao lançamento do plano nacional de vacinação, que sofre de lacunas, como a ausência de uma data precisa para dar início à imunização. Em mais uma ação imprudente, Pazuello disse que a vacinação começaria em março; depois, fevereiro; em seguida, dezembro; e, agora, entre 18 e 20 de janeiro. Paralelamente às questões do calendário, o Supremo Tribunal Federal determinou que a vacina será compulsória no Brasil, embora não forçada. É mais um exemplo de como o Poder Judiciário é obrigado a ingerir na vida nacional, tratando de um tema que poderia estar pacificado no âmbito do Executivo. O Supremo definiu, ainda, que estados e municípios estão autorizados a adquirir vacinas sem o aval da Anvisa, desde que aprovadas por agências internacionais. Significa dizer que governadores e prefeitos poderão negociar com fornecedores estrangeiros, tornando mais complexa a distribuição dos imunizantes pelo país. Em um cenário conturbado como este, convém adotar uma postura mais comedida, cautelosa e colaborativa. Seria de bom tom mostrar-se mais realista, mais modesto. Expressar mais empatia, mais sentimento, mais solidariedade, mais respeito e cautela ao se dirigir à nação.

**“O que dá angústia, neste momento da pandemia, é assistir a outras nações percorrerem a travessia agitada da covid-19 com muito mais civilidade e espírito público do que no Brasil”**

O que dá angústia, neste momento da pandemia, é assistir a outras nações percorrerem a travessia agitada da covid-19 com muito mais civilidade e espírito público do que no Brasil. O motivo de nossas apreensões é assistir à dificuldade de se construir um consenso em torno de uma causa comum — o combate à covid-19 — e perceber a posição difícil em que o país se encontra. É motivo de preocupação, ainda, observar o cenário que se desenha à frente, com uma média de 600 mortos e 40 mil novos casos por dia, e uma legião de brasileiros desassistidos, desempregados, sem citar aqueles que imploram por atendimento médico na fila das UTIs. O que nos aflige é perceber que o Brasil ainda vai sofrer muito em razão da pandemia, em parte por causa do vírus, em parte por tudo que somos.

Não foram poucos os líderes que tiveram dificuldade de enxergar o problema que afligia a população. Boris Johnson, no Reino Unido, disse que apertaria a mão de todo cidadão britânico sem qualquer cuidado. Após ser acometido da doença, agradeceu ao National Health Service, o SUS britânico, pelo atendimento que o ajudou a sair vivo da covid. Ele comanda o governo da primeira nação a anunciar a imunização contra o novo coronavírus. Mas afirmou que a vacina “não é o fim da luta nacional contra o coronavírus”. O primeiro-ministro britânico poderia lembrar a passagem do discurso histórico do seu antecessor Churchill, que, ao antever a ameaça do nazismo, disse não ter nada a oferecer, exceto “sangue, trabalho, lágrimas e suor”.